

# Bibliotecários: Precisam-se

*Diário de Lisboa, 6 Dez. 1973*

Quem alguma vez teve de lançar-se nessa outra espécie de perigosas viagens espaciais que são as investigações em arquivos, cartórios, bibliotecas ou, mais cruamente, em simples depósitos de livros e documentos de diversa idade, há de sentir-se particularmente tocado por uma notícia como esta da abertura do IV Encontro dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas Portugueses, agora a realizar-se em Coimbra. O anedotário dos achados e perdidos, o labirintismo das peregrinações que vão do verbete insolitamente redigido ao lugar tantas vezes vazio da obra que lhe deveria corresponder, a corrida entre o investigador paciente e os efeitos da humidade, da traça e do bolor – tudo isto daria um dos mais tristes capítulos da história de uma cultura a que não faltam outros. Por aqui se vê a que ponto não interessará este Encontro, quarto na sua ordem e primeiro desde 1968, e como não estarão atentos aos resultados dele os estudiosos deste País, por via de regra tão mal agradecido, precisamente a quem melhor procura servi-lo...

A missão do bibliotecário e do arquivista não tem de ser prestigiada, melhor dizendo, não teria de o ser se as coisas culturais entre nós tivessem tido melhores fadas a fadá-las. Certa literatura pseudo-satírica, mas suficientemente prudente na escolha dos seus alvos, cultivou a imagem do bibliotecário retirado do mundo, vivendo entre poeira e teias de aranha, enredado em pequenas e inofensivas manias: o grande público (grande, principalmente, na distração em que é mantido) ainda hoje supõe que o bibliotecário é isso. Do equívoco (de que, evidentemente, não são únicos responsáveis os humoristas nacionais e internacionais) vamos aos poucos saindo, como o prova a intrínseca necessidade destes Encontros e a sua realização. Se deles resultar acréscimo de prestígio para a classe, melhor ainda, mas outros problemas, no nosso modesto entender, deverão ser chamados à primeira linha das preocupações das duas centenas de pessoas a esta hora reunidas no anfiteatro principal da Faculdade de Letras de Coimbra.

É, por exemplo, a situação retratada na afirmação ali feita de que o arquivo da Universidade, «instalado em moderno edifício desde 1948», está «mal provido de pessoal especializado e auxiliar». Este é nosso bico de obra costumeiro: razoavelmente desembaraçados no capítulo das obras públicas, fazendo mesmo alarde delas em não raros casos, logo a seguir claudicamos quando se trata de recheá-las de gente. Em pedras mortas não nos envergonhamos demasiado, mas em pedras vivas devíamos envergonhar-nos superlativamente... Que adianta à investigação

e ao estudo o moderno edifício do arquivo da Universidade de Coimbra se a ocupação humana em especialistas e auxiliares está abaixo do nível satisfatório?

Aqui, inevitavelmente, vem ocupar lugar outra pergunta: por que razão não há pessoal? E logo segue o rosário das perguntas consequentes: falta de interesse das gerações novas? Em caso afirmativo, como estimulá-las? Que há para oferecer nesse setor do mercado de trabalho? Qual o nível de vencimentos? Quais as dificuldades de acesso e promoção? Que rede de implantação é possível nos diferentes locais do País onde a presença de especialistas se mostra necessária? Claro que estamos certos e seguros de que no Encontro se tratará dos mil e um aspetos técnicos de tão complexa profissão, mas muito mal será (repetimos: no nosso modesto entender) se questões como essas poucas que pusemos estiverem ausentes das discussões. Afinal, tão importante é que cumpram bem a sua missão os especialistas existentes como aumentar o número desses especialistas. Uma classe não artificialmente numerosa é uma classe forte, e esta bem necessita de o ser para nossa própria força.

Para que os humoristas se dediquem a mais interessantes figuras, mas sobretudo para que os investigadores possam encontrar o que precisam, onde precisam e quando precisam, auxiliados pelas pessoas precisas... Votos fazemos por que o Encontro não esqueça estes pontos proveitosos, embora não pacíficos.

#### NOTA EXPLICATIVA

No *Diário de Lisboa*, vespertino que, à época (estamos a falar de 1972/1973), apesar da férrea censura, podíamos considerar como um jornal de referência, tal a qualidade dos seus jornalistas e colaboradores, surgia regularmente uma coluna não assinada denominada «Opinião».

Foi nela que apareceu publicada a crónica «Bibliotecários: precisam-se», no dia 6 de dezembro de 1973, quando estava a decorrer em Coimbra o IV Encontro dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas Portugueses, na véspera da realização da 1.ª Assembleia Geral da BAD, que teve lugar num anfiteatro da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

A crónica, como dissemos, não estava assinada, mas atrevemo-nos a afirmar que foi escrita por José Saramago.

A justificação pode encontrar-se num livro de sua autoria intitulado *As opiniões que o DL teve*, editado pela Seara Nova no final daquele mesmo ano, em cuja nota introdutória Saramago refere que este reúne a «compilação de alguns dos textos

que ao longo de dois anos foram publicados no *Diário de Lisboa* (anonimamente os publiquei, pois representavam o que então se entendeu ser a opinião daquele jornal)», referindo mais à frente tratar-se de «um trabalho de intervenção política (cívica, se mais uma vez caio em exagero)».

Acrescentava ainda «que muito do que então escrevi não ultrapassa o nível do circunstancial, e por isso não tem cabimento neste livro; por outro lado, alguma coisa que no *Diário de Lisboa* apareceu, sob a mesma rubrica, em ocasiões de ausência minha, não me pertence: reivindique quem deve a paternidade de tais escritos, e se alguns deles eu próprio subscreveria, outros obedeceram a motivos que, felizmente, por imediata transparência, nunca me poderiam ser atribuídos...»

É certo que no conjunto das 88 crónicas (c. 220 páginas) coligidas no referido volume não encontramos aquela que nos serve de mote, como também não surge reproduzida qualquer outra datada de 6 de dezembro.

Inspirada por um tema afim deparamos com uma crónica intitulada «Livros, leitores e bibliotecas» motivada pela divulgação das estatísticas de leitura nas bibliotecas municipais de Lisboa, sobre as quais faz um significativo juízo crítico quando escreve: «O mal pior que pode acontecer a uma biblioteca é transformar-se num depósito de livros. Sem uma atividade paralela estimulante, o indispensável sossego das salas de leitura cobre uma dormência rotineira que encontra o seu prémio precisamente na ausência de sobressaltos e dinamismo.»

Tentamos saber, junto da Fundação José Saramago, se seria possível atribuir a autoria desta crónica ao nosso Prémio Nobel, mas infelizmente não foi ainda possível chegar a qualquer conclusão.

Leitores conhecedores da obra saramaguiana não hesitam em afirmar que não duvidam que foi ele quem a escreveu, mas infelizmente não ficamos com qualquer certeza concreta, documentada, que justifique a atribuição.

Sabemos, isso sim, através do conhecimento da sua vida, da leitura da sua obra e das entrevistas que concedeu, a importância que José Saramago atribuía ao papel das bibliotecas na sua formação como leitor e escritor: «Ninguém será escritor se não começou por ser leitor. Essa sim, é a verdadeira paixão. No meu caso que não tinha livros (...) o gosto de ler satisfi-lo, conforme me foi possível, nas bibliotecas públicas de Lisboa, à noite.» (*Cadernos de Lanzarote: diário IV*, Lisboa: Caminho, 1996).

Seja ou não de Saramago, achamos que, no ano em que se comemora o 40.º aniversário da BAD, se justifica plenamente a publicação desta crónica, das raras que a grande imprensa nos dedicou, não só pelo seu carácter simbólico mas também pela análise sintética que fazia de alguns dos problemas com que a nossa profissão já então se debatia.